



Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará – UNIFESSPA

Instituto de Estudos do Xingu – IEX

Faculdade de Letras e Educação - FALED

Letras - Língua Portuguesa

Thallya Ferreira Campelo

Representações de corpos negros no conto “a escrava”, de Maria Firmina dos Reis

São Félix do Xingu-PA

2022

Thallya Ferreira Campelo

Representações de corpos negros no conto “a escrava”, de Maria Firmina dos Reis

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará (UNIFESSPA), na Faculdade de Letras e Educação - FALED, do Instituto de Estudos do Xingu, como requisito parcial para a obtenção do título de de Licenciatura em Letras – Língua Portuguesa.

Área de atuação: Estudos Literários
Linha de pesquisa: Literatura e Sociedade
Orientadora: Profa. Dra. Mirian Cristina dos Santos

São Félix do Xingu- PA

2022

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará
Biblioteca do Instituto de Estudos do Xingu

C193r Campelo, Thallya Ferreira
 Representações de corpos negros no conto “A escrava”, de
 Maria Firmina dos Reis / Thallya Ferreira Campelo. — 2022.

 Orientador(a): Mirian Cristina dos Santos.

 Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) - Universidade
Federal do Sul e Sudeste do Pará, Campus Universitário de São
Felix do Xingu, Instituto de Estudos do Xingu, Curso de
Licenciatura Plena em Letras, Habilitação em Língua Portuguesa,
São Felix do Xingu, 2022.

 1. Literatura brasileira - História e crítica. 2. Reis, Maria
Firmina dos, 1825-1917 - Crítica e interpretação. 3. Negros na
literatura. 4. Literatura brasileira - Escritores negros. I. Santos,
Mirian Cristina dos, orient. II. Título.

CDD: 22. ed.: B869.09

Elaborado por Alessandra Helena da Mata Nunes – CRB-2/586



**SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO SUL E SUDESTE DO PARÁ
INSTITUTO DE ESTUDOS DO XINGU**

ATA DE DEFESA PÚBLICA DE MONOGRAFIA

No dia 02 do mês de junho de dois mil e vinte e dois, no horário das 15h:30, realizou-se a defesa pública da Monografia do Curso de Licenciatura em Letras – Língua Portuguesa da acadêmica **THALLYA FERREIRA CAMPELO**, intitulada **REPRESENTAÇÕES DE CORPOS NEGROS NO CONTO “A ESCRAVA”, DE MARIA FIRMINA DOS REIS**. A Banca Examinadora, constituída pela professora orientadora Doutora Mirian Cristina dos Santos, pela avaliadora professora Doutora Maria Aparecida Cruz de Oliveira e pela avaliadora professora Doutora Luciana de Barros Ataíde, emitiram o seguinte parecer:.

- (X) Aprovada. Conceito: EXCELENTE
() Aprovada com recomendação de publicação integral. Conceito: _____
() Aprovada com recomendação de publicação de parte ou capítulo. Conceito: _____
() Aprovada. Atender exigências. Conceito: ____
() Recusada.

Eu, Mirian Cristina dos Santos, orientadora da Monografia, lavrei a presente Ata que segue assinada pelos membros da Banca Examinadora e pela acadêmica.

Mirian C. Santos

Orientadora: Profa. Dra. Mirian Cristina dos Santos (FALED/UNIFESSPA)

Maria Aparecida Cruz de Oliveira

1º Examinador: Profa. Dra. Maria Aparecida Cruz de Oliveira (FALED/UNIFESSPA)

Luciana de Barros Ataíde

2º Examinadora: Profa. Dra. Luciana de Barros Ataíde (FALED/UNIFESSPA)

Thallya Ferreira Campelo

Discente: Thallya Ferreira Campelo (LETRAS/ FALED/ UNIFESSPA)

Dedicatória

Dedico este trabalho, em primeiro lugar, ao meu Deus, creio e sei que sem ele nada seria possível. Da mesma forma, dedico a minha família, que muito me apoiou.

AGRADECIMENTOS

Acima de tudo, quero agradecer a Deus por conseguir realizar mais um sonho, a graça de Deus tem me bastado.

Ao meu Pai, Adevaldo e minha mãe Celiany, que, sempre, independentemente de qualquer situação, me apoio e auxiliou. Mudar de cidade para me acompanhar nesta jornada acadêmica foi um gesto de amor imensurável.

Ao meu pequeno e doce filho, que com sua ternura me encorajou, por muitas vezes, a continuar. Sem dúvida é meu estímulo diário para aqui chegar.

Ao meu irmão Raul, que mesmo sem perceber foi de suma importância para minha formação.

Ao meu esposo, pela compreensão e o cuidado que sempre teve comigo nesta jornada. Por muitas vezes, mesmo sem entender o que estava acontecendo, vibrava comigo e outras vezes me consolava.

Às minhas tias, Cerly e Adriana, que sempre me apoiou, mesmo estando distantes.

Ao meu tio Alexandre que sempre me inspirou com sua trajetória como profissional na área da educação.

À minha prima Dalila, que também muito me incentivou, sabendo eu que não poderia deixá-la ser a única neta a ter uma graduação. Brincadeira, sua trajetória acadêmica é inspiradora, minha preta doutorada.

Ao meu grupo de 5 da faculdade, Marlane, Welliton, Stallone e Dhionata, vocês foram meus amigos, companheiros em todos os momentos durante a graduação. Gostaria de enfatizar que Weliton Guida foi um amigo que me ensinou muito com sua forma humilde de ser, posso afirmar que foi meu maior incentivador na classe.

Às minhas amigas, Natalia, Cintia, Samara, Dilma, Rosangela, Gloria, foi maravilhoso estudar e dividir experiências com vocês.

Às minhas amigas, Ester, Luzia, Marcilene, Andreia, Maysa, Cleiane, Daiane, Tia Eliete, Katiane, cada uma de maneiras diferentes me ajudou, com carona, computador emprestado e muito incentivo.

Agradeço com o coração transbordando gratidão a minha orientadora, Bonita, Mirian, por toda dedicação e paciência, conseguiu encaixar minha vida corrida cheias de imprevistos em suas orientações. O trabalho mais árduo se tornou leve com suas contribuições e compreensões.

Ao professor, malvado favorito, Paulo, sua contribuição foi primordial para minha formação.

À professora Luciana, tão meiga e dedicada com sua profissão, me ensinou muito. É uma gigante, que me inspira.

Agradeço também a todo o corpo docente que contribuiu para minha formação acadêmica.

Eu-mulher

Uma gota de leite
me escorre entre os seios.
Uma mancha de sangue
me enfeita entre as pernas.
Meia palavra mordida
me foge da boca.

Vagos desejos insinuam esperanças.
Eu-mulher em rios vermelhos
inauguro a vida.
Em baixa voz
violento os tímpanos do mundo.
Antevejo.
Antecipo.
Antes-vivo

Antes – agora – o que há de vir.
Eu fêmea-matriz.
Eu força-motriz.
Eu-mulher
abrigo da semente
moto-contínuo
do mundo.

(Conceição Evaristo – *Poemas de
Recordação e outros movimentos*)

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo problematizar as representações de corpos negros no conto “A escrava”, de Maria Firmina dos Reis. Para isso, será apresentada reflexões acerca da representação da população negra na literatura canônica, discussões sobre a importância da literatura afro-brasileira para repensar a construção do imaginário desses corpos, bem como a autorrepresentação de escritores negros nesse cenário. Como metodologia de leitura, utilizaremos textos teórico de Eduardo de Assis Duarte (2008), Regina Dalcastagnè (2007), Conceição Evaristo (2009), entre outros.

Palavras-chave: Maria Firmina dos Reis; “A escrava”; Literatura afro-brasileira.

ABSTRACT

This research intends to problematize the representations of black bodies in the short story “A escrava”, by Maria Firmina dos Reis. For this, reflections will be presented on the representation of the black population in canonical literature, discussions on the importance of Afro-Brazilian literature to rethink the construction of the imaginary of these bodies and, also, the self-representation of black writers in this scenario. As a source of reading methodology, we will use theoretical texts by Eduardo de Assis Duarte (2008), Regina Dalcastagnè (2007), Conceição Evaristo (2009) etc.

Keywords: Maria Firmina dos Reis; “A escrava”; Afro-Brazilian Literature.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
1- CAPÍTULO: LITERATURA DE AUTORIA NEGRA	13
1.1 LITERATURA AFRO-BRASILEIRA	13
1.2 LITERATURA AFRO-BRASILEIRA ESCRITA POR MULHERES	15
1.3 REPRESENTAÇÃO NA LITERATURA AFRO-BRASILEIRARA	19
1.4 AUTORREPRESENTAÇÃO NA LITERATURA AFRO-BRASILEIRA	20
2- CAPÍTULO: REPRESENTAÇÕES DE CORPOS NEGROS NO CONTO “A ESCRAVA”, DE MARIA FIRMINA DOS REIS	24
2.1 MARIA FIRMINA DOS REIS – UMA ESCRITORA INSURGENTE	24
2.2 <i>EU MESMA. AINDA POSSO FALAR</i>	26
2.3 <i>NÃO TENHO PENA DE MORRER, TENHO PENA DE DEIXAR MEUS FILHOS</i>	28
2.4 <i>MINHA SENHORA, EU SÓ LEVARIA MINHA MÃE AO FIM DO MUNDO</i>	33
REFERÊNCIAS	39

INTRODUÇÃO

Para introduzir este trabalho, gostaria de tecer algumas palavras sobre minha experiência como acadêmica. Desde criança, meu sonho era ser professora, talvez por ter tias e tios que atuam nesse ramo, penso eu. Com o tempo, surgiu a maioria e com ela outras percepções em relação a essa profissão. Acompanhando de perto o dia a dia dos meus tios, entendi que ser professor vai além de tomar banho cedo, pegar o material e aplicar em sala de aula. Apesar de essa ser a visão que muitos ainda têm. Eu entendi que o professor além de oferecer uma formação acadêmica, ele contribui para a formação do aluno enquanto indivíduo e membro da sociedade, também auxiliando no crescimento socioemocional, entre tantas outras questões.

Com o passar do tempo, ingressei na universidade. Durante todas as aulas assistidas e leituras obrigatórias, sempre me “encantei” com leituras que eram “reais”, leituras que eu conseguia visualizar a sociedade em que estou inserida. Por muitas vezes, me sentia insatisfeita sabendo que vivemos em sociedade em que grande parte da população agride a integridade alheia, com um índice grande de discriminação, racial e social. Essa identificação por leituras que exibem experiências frente ao preconceito vivenciado, veio através da minha família. Crescendo e sendo ensinada que independentemente de cor de pele ou até mesmo de padrão social de vida, somos iguais. Tive essa compreensão sempre dentro de casa, sou filha de pai branco e mãe negra. Hoje sou casada com um homem negro. Vivenciei preconceitos, como por exemplo, “Ela é sua filha? Tão branquinha!”. Com essa vivência, mesmo eu não sendo diretamente agredida, sempre ficou dentro de mim a vontade de expor essas violências. Mesmo sendo branca, mesmo não sendo julgada por minha cor de pele é necessário discorrer sobre a deficiência da nossa sociedade, que faz com que pessoas que amo enfrentem na pele a discriminação racial, e tantas outras agressões que não conheço, poder ser que conheço apenas a história noticiada em jornais.

Durante a disciplina de “Literaturas contemporâneas de Língua Portuguesa”, tive o prazer de conhecer obras que representam a realidade. Satisfatoriamente, conheci Conceição Evaristo, Carolina Maria de Jesus e Maria Firmina dos Reis. Ao ler, surgiu em mim indagações e necessidade de exibir tais textos, de alguma maneira. Essas autoras, em especial, romperam com os padrões impostos pela elite dominante que inviabilizava os negros. Lendo o conto “A Escrava”, de Maria Firmina dos Reis, consegui enxergar na escrita da autora a necessidade urgente de trabalhar com esse conto na minha monografia, pois almejo, aqui, mostrar a

representatividade de corpos negros, que por muitos “não são vistos” como humanos, de forma positiva. Considero essa narrativa relevante por tratar da representação de escravizados a partir de outra perspectiva, em que os personagens são postos em posição de igualdade. Isso, ainda no século XIX, antes da assinatura da Lei Áurea.

Logo, apresentarei no primeiro capítulo, questionamentos acerca do que torna a escrita afro-brasileira distinta do conjunto das letras nacionais. Em seguida, apontarei reflexões sobre a literatura afro-brasileira escrita por mulheres, em que a luta da população negra ainda se faz presente, seja para reivindicar espaços na sociedade seja contra as inúmeras formas de preconceitos. Trarei, também, considerações sobre autorrepresentação da literatura afro-brasileira, discutindo o espaço onde é construído essa literatura e exibindo os esforços dos intelectuais negros para serem reconhecidos.

Por fim, no segundo capítulo, citarei partes da biografia da escritora Maria Firmina dos Reis, pontuando a relevância da mesma para literatura, também mostrando que Maria Firmina em sua escrita ela sempre via além, levantando questionamentos acerca da sociedade patriarcal e escravocrata. Consequentemente, falarei de forma breve sobre o enredo do conto “A Escrava”, corpus deste trabalho. Sabendo-se que a população negra sofreu por anos/séculos, tendo além de seu corpo físico todos os seus direitos violados, sobreviveu a um sistema escravocrata do passado que ainda reverbera na atualidade, por meio de diversos tipos de violências, a análise do conto será feita a partir da proposta de observar as representações de corpos negros na narrativa, dialogando com o capítulo teórico.

1- CAPÍTULO: LITERATURA DE AUTORIA NEGRA

1.1 LITERATURA AFRO-BRASILEIRA

*Não é a vaidade de adquirir nome que me cega, nem o amor próprio de autor.
Sei que pouco vale este romance, porque escrito por uma mulher, e mulher brasileira,
de educação acanhada e sem o trato e a conversação dos homens ilustrados,
que aconselham, que discutem e que corrigem; com uma instrução misérrima,
apenas conhecendo a língua de seus pais, e pouco lida,
o seu cabedal intelectual é quase nulo.
Então por que o publicas? – perguntará o leitor
Como uma tentativa [...]
(Maria Firmina dos Reis*

Antes de entramos no cerne da literatura afro-brasileira, faz-se necessário conceituá-la, com o objetivo de melhor compreensão acerca do tema. Em princípio, vale dizer que essa literatura é compreendida como uma estética que problematiza a teoria literária tradicional,

porque além de questões conceituais e discursivas, aborda também questões ideológicas, culturais e de poder. Dessa forma, o autor Eduardo de Assis Duarte, em “Literatura afro-brasileira: um conceito em construção”, procurou fazer um apanhado geral sobre o conceito literatura afro-brasileira. Vejamos:

No alvorecer do século XXI, a literatura afro-brasileira passa por um momento extremamente rico em realizações e descobertas, que propiciam a ampliação de seu corpus, tanto na prosa quanto na poesia, paralelamente ao debate em prol de sua consolidação acadêmica enquanto campo específico de produção literária – distinto, porém em permanente diálogo com a literatura brasileira *tout court*. Enquanto muitos na academia ainda indagam se a literatura afro-brasileira realmente existe – e assinalemos aqui até mesmo a perversidade de uma pergunta que às vezes não deseja ouvir resposta –, a cada dia a pesquisa nos aponta para o vigor dessa escrita: ela tanto é contemporânea, quanto se estende a Domingos Caldas Barbosa, em pleno século XVIII; tanto é realizada nos grandes centros, com dezenas de poetas e ficcionistas, quanto se espraia pelas literaturas regionais, a nos revelar, por exemplo, uma Maria Firmina dos Reis escrevendo, em São Luiz do Maranhão, o primeiro romance afro-descendente da língua portuguesa – Úrsula – no mesmo ano de 1859 em que Luiz Gama publica suas Trovas burlescas... Enfim, essa literatura não só existe como se faz presente nos tempos e espaços históricos de nossa constituição enquanto povo; não só existe como é múltipla e diversa (DUARTE, 2008, p. 11).

O autor enfatiza que no início do século XXI, a literatura afro-brasileira vivenciou um momento de grande consolidação em termos de realizações e descobertas, tanto na prosa quanto na poesia. E chama a atenção para debates que questionam a existência da literatura afro-brasileira, afirmando não somente a existência dela na contemporaneidade, como também retoma Domingos Caldas Barbosa nas premissas do século XVIII, Maria Firmina dos Reis, etc. para apresentar os precursores da literatura de autoria negra.

Eduardo de Assis Duarte, em seus estudos, traça reflexões em uma tentativa de conceituar essa literatura, destacando fatores extraliterários e enfatiza como tem sido pensado esse texto.

De imediato, impõe-se indagar: o que torna a escrita afro-brasileira distinta do conjunto das letras nacionais? Que elementos diferenciam e conferem especificidade à produção literária dos brasileiros descendentes de africanos? Descartados os fatores extraliterários, algumas constantes discursivas se destacam e têm sido utilizadas como critérios de configuração dessa literatura. Em primeiro lugar, a temática: “o negro é o tema principal da literatura negra”, afirma Octavio Ianni, que vê o sujeito afrodescendente não apenas no plano do indivíduo, mas como “universo humano, social, cultural e artístico de que se nutre essa literatura”. Em segundo lugar, a autoria. Ou seja, uma escrita proveniente de autor afro-brasileiro, e, neste caso, há que se atentar para a abertura implícita ao sentido da expressão, a fim de abarcar as individualidades muitas vezes fraturadas oriundas do processo miscigenador. Complementando esse segundo elemento, logo se impõe um terceiro, qual seja, o ponto de vista. Com efeito, não basta ser afrodescendente ou simplesmente utilizar-se do tema. É necessária a assunção de uma perspectiva e, mesmo, de uma visão de mundo identificada à história, à cultura, logo a toda problemática inerente à vida desse importante segmento da população. Nas palavras de Zilá Bernd, essa literatura

apresenta um sujeito de enunciação que se afirma e se quer negro. Um quarto componente situa-se no âmbito da linguagem, fundado na constituição de uma discursividade específica, marcada pela expressão de ritmos e significados novos e, mesmo, de um vocabulário pertencente às práticas linguísticas oriundas de África e inseridas no processo transculturador em curso no Brasil. E um quinto componente aponta para a formação de um público leitor afrodescendente como fator de intencionalidade próprio a essa literatura e, portanto, ausente do projeto que nortearia a literatura brasileira em geral. Impõe-se destacar, todavia, que nenhum desses elementos isolados propicia o pertencimento à Literatura Afro-brasileira, mas sim a sua interação. Isoladamente, tanto o tema, como a linguagem e, mesmo, a autoria, o ponto de vista, e até o direcionamento recepcional são insuficientes (DUARTE, 2008, p. 11).

Além disso, questionamentos acerca do que torna a escrita afro-brasileira distinta do conjunto das letras nacionais, que elementos a diferenciam, são pontos abordados pelo autor. Além de destacar cinco elementos que caracterizam o texto afro-brasileiro. O primeiro componente diz respeito a temática, onde na literatura afro-brasileira o sujeito negro é o principal tema. Em segundo lugar, destaca-se a autoria, ou seja, é uma escrita proveniente de um escritor negro. O terceiro elemento é o ponto de vista, pois não basta ser afrodescendente ou simplesmente utilizar-se do tema antes, é preciso adotar uma perspectiva e, mesmo, uma visão de mundo identificada à história e à cultura negra. O quarto elemento é voltado para a linguagem, pois ela marca as expressões de ritmos e significados novos e, mesmo, de um vocabulário pertencente às práticas linguísticas oriundas de África e inseridas no processo transculturador em curso no Brasil. E o quinto e último elemento aponta para a formação de um público afrodescendente como leitor dessa literatura e ausente do projeto que nortearia a literatura brasileira em geral.

Contudo, Duarte ainda adverte: “Impõe-se destacar, todavia, que nenhum desses elementos isolados propicia o pertencimento à Literatura Afro-brasileira, mas sim a sua interação. Isoladamente, tanto o tema, como a linguagem e, mesmo, a autoria, o ponto de vista, e até o direcionamento recepcional são insuficientes” (DUARTE, 2008, p. 12).

Em síntese, a literatura afro-brasileira ainda é um conceito aberto, pois na contemporaneidade existem outros estudos críticos em torno dessa produção. Um exemplo disso é o conceito de Literatura negro-brasileira desenvolvido pelo escritor Luiz Silva Cuti, e o conceito de Literatura Negra, desenvolvido por Zilá Bernd.

1.2 LITERATURA AFRO-BRASILEIRA ESCRITA POR MULHERES

Importa saber que a Literatura Negra Feminina é uma literatura escrita por mulheres que rompem com os padrões impostos pela elite dominante, que inviabilizava negros e negras. Conceição Evaristo, Carolina Maria de Jesus, Maria Firmina dos Reis e tantos outros nomes são destaque da nossa literatura, pois romperam com as amarras sociais no tocante à representação de corpos negros na literatura.

Para falar de literatura negra de autoria feminina, é preciso, antes, entender o seu conceito e fundamento a partir da perspectiva de uma escritora negra. Conceição Evaristo contribui com esse trabalho ao nos dizer que “nomear o que seria literatura afro-brasileira e quais seriam seus produtores” (EVARISTO, 2009, p.17) é algo que vem se abrindo a reflexões.

Há muito, um grupo representativo de escritores(as) afro-brasileiros(as), assim como algumas vozes críticas acadêmicas, vêm afirmando a existência de um *corpus* literário específico na Literatura Brasileira. Esse corpus se constituiria como uma produção escrita marcada por uma subjetividade construída, experimentada, vivenciada a partir da condição de homens negros e de mulheres negras na sociedade brasileira. Contudo, há estudiosos, leitores e mesmo escritores afrodescendentes que negam a existência de uma literatura afro-brasileira. Apegam-se à defesa de que a arte é universal, e mais do que isso, não consideram que a experiência das pessoas negras ou afrodescendentes possa instituir um modo próprio de produzir e de conceber um texto literário, com todas as suas implicações estéticas e ideológicas (EVARISTO, 2009, p. 17).

Para a autora, há muito tempo vem surgindo grupos representativos de escritores afro-brasileiros. Esse grupo se destina a escrever a partir de seu próprio ponto de vista. O corpo negro tem sofrido constantemente com a violação de sua integridade com a busca por espaço em uma sociedade que insiste em rejeitá-lo.

Tendo sido o corpo negro, durante séculos, violado em sua integridade física, interditado em seu espaço individual e coletivo pelo sistema escravocrata do passado e, ainda hoje, pelos modos de relações raciais que vigoram em nossa sociedade, coube aos brasileiros, descendentes de africanos, inventarem formas de resistência que marcaram profundamente a nação brasileira. Produtos culturais como a música, a dança, o jogo de capoeira, a culinária e certos modos de vivência religiosa são apontados como aspectos peculiares da nação brasileira, distinguindo certa africanidade reinventada no Brasil (EVARISTO, 2009, p. 18).

Conforme o exposto acima, a população negra sofreu por anos/séculos, tendo além de seu corpo físico todos os seus direitos violados, sobreviveu a um sistema escravocrata do passado que ainda reverbera na atualidade, por meio de diversos tipos de violências. Dessa forma, a luta da população negra ainda se faz presente seja para reivindicar espaços na sociedade seja contra as inúmeras formas de preconceitos.

É fato que a condição do negro na sociedade ainda se apresenta de forma limitada, desde o direito de escolha sobre o seu próprio corpo, que até então era definido a partir da decisão de

seus senhores, até chegarmos ao ponto de vermos negros na academia tendo a sua intelectualidade questionada, de forma que se observa que a produção intelectual do negro ainda não é valorizada como a do branco, resquício da colonização, Conceição Evaristo chama a atenção para a literatura que classificava o sujeito negro como possuidor de uma “meia-língua”, “incapaz de aprender” ou simplesmente como uma “cópia ou imitação” do branco.

Nesse sentido, parece que a literatura, ao compor o negro ora como um sujeito afásico, possuidor de uma “meia- língua”, ora como detentor de uma linguagem estranha e ainda incapaz de “aprender” o idioma do branco, ou ainda como alguém anteriormente mudo e que, ao falar, simplesmente “imita”, “copia” o branco, revela o espaço não-negociável da língua e da linguagem que a cultura dominante pretende exercer sobre a cultura negra (EVARISTO, 2009, p. 22).

Importa saber que, assim como os estereótipos negativos acerca da linguagem usada pelo negro ainda sustenta um imaginário sobre essa população, a leitura do corpo negro também foi construída a partir de uma perspectiva racista. Nesse sentido, ressaltamos reflexões de Conceição Evaristo no tocante ao corpo da mulher negra: “a mulher negra era considerada só como um corpo que cumpria as funções de força de trabalho, de um corpo-procriação de novos corpos para serem escravizados e/ou de um corpo-objeto de prazer do macho senhor” (EVARISTO, 2009, p. 22).

Em concordância com a fala da autora, observamos que a mulher negra era destituída do poder sobre o seu próprio corpo, uma vez que ele apenas servia de poder absoluto do seu senhor branco, ou seja, um corpo para trabalhar, servir e dar prazer. Dessa forma:

Percebe-se que a personagem feminina negra não aparece como musa, heroína romântica ou mãe. Mata-se no discurso literário a prole da mulher negra, não lhe conferindo nenhum papel no qual ela se afirme como centro de uma descendência. À personagem negra feminina é negada a imagem de mulher-mãe, perfil que aparece tantas vezes desenhado para as mulheres brancas em geral (EVARISTO, 2009, p. 23).

Conforme apontado por Evaristo, a literatura canônica repete o imaginário racista e machista em relação ao corpo feminino negro. Em grande parte dos textos literários, a mulher negra não é representada como musa, heroína ou mesmo como protagonista principal do enredo. Ela aparece como faxineira, rodeada de afazeres domésticos, nunca como mãe, esposa, etc.

Se já é difícil para o negro encontrar-se dentro de uma literatura, em que a ele não é atribuído papel de destaque, então é hora de apostarmos em um contradiscurso literário de

forma a considerarmos personagens negros de forma humana, para uma literatura homogênea, que valoriza não só o que é igual, mas, também, o que é diferente.

Afirmando um contradiscurso à literatura produzida pela cultura hegemônica, os textos afro-brasileiros surgem pautados pela vivência de sujeitos negros/as na sociedade brasileira e trazendo experiências diversificadas, desde o conteúdo até os modos de utilização da língua (EVARISTO, 2009, p. 27).

Se os textos produzidos pelos afro-brasileiros são também constituídos por meio de suas experiências, então devemos valorizar o sujeito desse texto, assim como é valorizado o sujeito que escreve sobre a elite e a burguesia. É necessária uma humanização sobre a *persona* do negro, sobre o que produz ou deixa de produzir e, acima de tudo, o respeito deve prevalecer.

Dessa forma, ainda a partir de Conceição Evaristo, precisamos voltar nossos olhares aos nossos antepassados e com eles aprendermos mais sobre a nossa cultura, história e memória. Carolina Maria de Jesus, por exemplo, foi uma das precursoras da literatura negra feminina no Brasil, seu legado é de grande importância, pois seu projeto literário valoriza o sujeito negro, a partir de suas experiências e vivências. Além de que, a escrita de Carolina ainda se faz política, ao refletir sobre os grandes problemas da população periférica e o descaso dos políticos para com os sujeitos dessas histórias. Todavia, o que nos chama a atenção em Carolina é o seu desejo ardente pela escrita.

O que se torna interessante para discutir sobre a escrita de Carolina Maria é o desejo de escrever vivido por uma mulher negra e favelada. O desejo, a crença e a luta pelo direito de ser reconhecida como escritora, enquanto tentava fazer da pobreza, do lixo, algo narrável. Quando uma mulher como Carolina Maria de Jesus crê e inventa para si uma posição de escritora, ela já rompe com um lugar anteriormente definido como sendo o dela, o da subalternidade, que já se institui como um audacioso movimento. Uma favelada, que não maneja a língua portuguesa – como querem os gramáticos ou os aguerridos defensores de uma linguagem erudita – e que insiste em escrever, no lixo, restos de cadernos, folhas soltas, o lixo em que vivia, assume uma atitude que já é um atrevimento contra a instituição literária. Carolina Maria de Jesus e sua escrita surgem “maculando” – sob o olhar de muitos – uma instituição marcada, preponderantemente, pela presença masculina e branca (EVARISTO, 2009, p. 27).

Carolina tinha verdadeira paixão pela escrita, ela foi uma escritora além de seu tempo. Rompeu com um lugar preestabelecido para o corpo feminino negro, já que o seu cenário era o de uma mãe solo, favelada, vivendo em uma pobreza sem igual. Ela escreveu sua história de forma diferente, fez nome, denunciou os abusos a partir de sua escrita coerente, emotiva e precisa, ainda que em diários escritos com folhas catadas em lixo.

1.3 REPRESENTAÇÃO NA LITERATURA AFRO-BRASILEIRARA

Regina Dalcastagnè, no artigo “A autorrepresentação de grupos marginalizados: tensões e estratégias na narrativa contemporânea”, trata questões que englobam o sistema de produção do campo literário brasileiro.

Nossos autores são, em sua maioria, homens, brancos (praticamente todos), moradores dos grandes centros urbanos e de classe média – e é de dentro dessa perspectiva social que nascem suas personagens, que são construídas suas representações. Conforme mostra uma ampla pesquisa sobre a totalidade dos romances publicados pelas principais editoras do País nos últimos 15 anos, a homogeneidade dos autores se reflete em suas criações. O outro (mulheres, pobres, negros, trabalhadores) está, em geral, ausente; quando incluído nessas narrativas, costuma aparecer em posição secundária, sem voz e, muitas vezes, marcado por estereótipos (DALCASTAGNÉ, 2007, p. 18).

Percebe-se que Dalcastagné questiona o espaço em que é construído essa literatura. Ou seja, é possível legitimar a escrita de um autor que fala sobre determinado espaço social, por exemplo, grupos marginalizados, mesmo não fazendo parte desse meio social?

O campo literário quase sempre agrega a literatura produzida a partir de determinados parâmetros econômicos, sociais e raciais. Deste modo, grupos subalternos são silenciados ao falar do que vivem e veem. Assim, percebe-se que o sistema literário acaba restringindo a existência de novas perspectivas, ou seja, um “olhar de dentro” de outros extratos sociais.

Autores como Carolina Maria de Jesus, advindos de outras realidades, sofrem desvantagens ao produzirem literatura, pois escrevem de um espaço social marginalizado: A favela. Para isso, a autora necessita provar sua autenticidade, através de um diário, por exemplo. “Já começa a escrever seus textos se sabendo em desvantagem, consciente de que precisa se legitimar como escritora para poder construir uma representação de si mesma e daqueles que a cercam que se ‘dignifique’ como literária” (DALCASTANGNÉ, 2007, p. 22). Situação semelhante pode ser percebida em relação a Paulo Lins, autor de *Cidade de Deus*, também advindo da favela, mas com acesso à formação universitária:

Também ele tenta reverter a seu favor o que seriam suas desvantagens (pouco domínio das técnicas da “alta literatura”, nenhuma credencial para fazer parte dessa elite literária) a partir da afirmação de sua “autenticidade”. Ou seja, “como favelado, ele teria acesso a uma realidade mais real, vedada aos intelectuais do asfalto”, o que lhe confere autoridade para falar sobre esse universo. Mas isso não lhe basta, Paulo Lins quer mais do que dar seu depoimento a respeito da favela. Ele pretende inscrever seu

texto no domínio literário. Daí uma certa ambiguidade de estilo, que pode ser observada com clareza no contraste entre narração e diálogo em seu romance (DALCASTANGNÉ, 2007, p. 25).

Sendo assim, a partir desses jogos de linguagem e de uma violência explícita, que determinam lugares preestabelecidos, de acordo com Dalcastagnè, Paulo Lins se distanciaria de Carolina Maria de Jesus, aproximando-se das expectativas do leitor branco de classe média.

Nessa discussão, a professora e pesquisadora também traz o escritor Ferréz para a discussão. Na busca de legitimar sua escrita por meio da autenticidade, o autor postula uma tradição da literatura à margem, **diferentemente de Paulo Lins**.

Nos seus livros e em entrevistas, insiste em marcar seu vínculo com Lima Barreto, Carolina Maria de Jesus e mesmo João Antônio. Assim, se apresenta não como alguém que almeja ser alçado à posição do “grande escritor universal”, mas como aquele que briga nas bordas do campo literário (DALCASTANGNÉ, 2007, p. 28).

Assim, em “A autorrepresentação de grupos marginalizados: tensões e estratégias na narrativa contemporânea”, a partir de um olhar sobre as obras de Carolina Maria de Jesus, Paulo Lins e Ferréz no sistema literário, Dalcastagnè convida-nos a uma reflexão, que não se trata sobre quem pode falar sobre quem, e sim, a urgência pela democratização, quando se trata do processo da escrita literária. A literatura ainda representa um espaço restrito e privilegiado, por isso possui uma legitimidade social ampla. Isso nos leva a seguinte questão: por que um grupo que consegue transformar uma fábula tão realista ao ponto de representar o cotidiano não tem seu processo de escrita valorizado?

1.4 AUTORREPRESENTAÇÃO NA LITERATURA AFRO-BRASILEIRA

Florentina Souza, em “Autorrepresentação e intervenção cultural em textualidades afro-brasileiras” (2010), aborda as iminentes lutas contra a escravidão, a ambivalência que permeia a condição da população negra, no tocante ao produzir o conhecimento, estar inserido em uma sociedade que sistematicamente dificulta a legitimação de suas produções literárias e de suas lutas, por vez, até desmerecendo o seu passado de dor e conquistas.

Desejam produzir, circular e legitimar-se no campo dos saberes ligados à tradição ocidental e, por outro lado, produzir, fazer circular pensamentos que evidenciem uma

visão crítica desses saberes e, principalmente, investir contra um dos principais móveis ideológicos do pensamento ocidental: a discriminação e a exclusão. Assim, estes intelectuais negro/as criam estratégias para questionar as estruturas de pensamento, gosto e valor instituídas pelo sistema simbólico, bem como inserir seus capitais intelectuais e simbólicos no campo das produções intelectuais do país, intervindo na vida político-cultural brasileira. (SOUZA, 2010, p. 184).

Dessa forma, intelectuais negros brasileiros almejam produzir, circular e legitimar-se no campo dos saberes e na tradição ocidental. O que a autora demonstra é que a principal investida seria contra o pensamento ocidental consolidado de discriminação e de exclusão. Assim, pensadores negros buscam desmistificar tais noções, se implantando na cultura brasileira com o que há de melhor em si mesmo, demonstrando seu valor também no campo dos saberes, na história, arte, música, poesia e literatura, provando serem capazes de atuar inclusive na vida política-cultural da sociedade.

No campo literário, Florentina Souza traz Lima Barreto e Cruz e Souza como escritores que enalteceram a presença dos negros, em espaços até antes não ocupados. Lima Barreto, assim como outros escritores negros, tem sua narrativa “confundida” com a sua vida pessoal, pois ele denuncia e critica o racismo, um sistema opressor que desvaloriza os negros pelo seu aspecto de cor, raça e credo, deixando-os a mercê de sua própria sorte.

Os escritores anteriormente citados podem ilustrar que para a tradição intelectual brasileira nem as mulheres nem os homens afrodescendentes podem/sabem falar de si. Eles/as e suas culturas são objetos de diversas pesquisas festejadas, porém as suas vozes são/serão ouvidas apenas na medida em que atendem “à objetividade” de alguma pesquisa ou pesquisador/a. São históricas as raízes deste imaginário na cultura brasileira: o trabalho intelectual no Brasil sempre foi visto como atividade praticamente exclusiva das elites culturais. (SOUZA, 2010, p. 185).

Em consonância com a fala da autora, observamos que de acordo com a lógica da cultura eurocêntrica racista nem mulheres ou homens afro-brasileiros poderiam falar de si mesmo, muito menos produzir literatura, de forma que seus projetos literários são lidos como meros testemunhos. Lima Barreto ‘escancarou’ essa verdade ao falar do negro em seus escritos. Ao negro só se era dado destaque, quando ele era objeto de estudo. E esse sistema opressor e preconceituoso, que ainda induz a crítica do presente, que delimita o espaço que o negro pode estar, a que e de quem ele pode falar, necessita ser mudado.

O negro escravizado deveria restringir-se ao trabalho manual, mas não foi isto que aconteceu. Alguns afrodescendentes buscaram a atividade intelectual como via de luta e assumiram o que Said propõe como função intelectual, “levantar questões embaraçosas em público, confrontar ortodoxias e dogmas”. (SOUZA, 2010, p. 185, grifo da autora).

Esperavam do negro, que este se submetesse apenas aos trabalhos braçais, que vivesse à mercê da ordem de seus senhores, todavia, o negro escravizado buscou a intelectualidade como uma fuga de um destino com tão poucas chances de sucesso, enfrentando a ortodoxia e os dogmas, rompendo barreiras e preconceitos, ocupando um lugar até antes ocupado pela elite branca. De forma que ainda hoje o pensamento intelectual da população negra ainda circula muito pouco. Fala-se em Quilombos, em revoltas, em lutas, mas raras são as vezes em que o negro é associação à educação, à escrita em jornais, aos periódicos ou à produção de conhecimento.

Vê-se, pois, que a produção escrita constituiu-se estratégia utilizada por alguns afrodescendentes com vistas a atuar nos universos seletos, restritos aos membros das elites políticas do país. Evidentemente, todos os intelectuais negros do século XIX cujas atividades são hoje conhecidas podem ser vistos como indivíduos fora do lugar, indivíduos que furaram o cerco determinista da ciência, pensamento e das práticas de todo século XIX. (SOUZA, 2010, p. 187).

O fragmento acima, evidencia o que já sabíamos, os intelectuais negros do século XIX, que possuem obras conhecidas, e que tem o seu nome ainda pouco reconhecido na sociedade, são indivíduos “fora do lugar”, isso porque eles se recusaram a viver o que a cultura, o que a prática daquele século destinava para si. Esperava-se submissão, conformação com um destino árduo pré-estabelecido, no entanto, foi o inconformismo, a indignação e a revolta que reverberou a literatura afro-brasileira.

Florentina Souza reflete sobre os esforços dos intelectuais negros para serem reconhecidos no campo do conhecimento, desde a formação educacional até mesmo na adesão às correntes filosóficas, contudo, “podemos observar que, mesmo partindo de vias teóricas e práticas diferenciadas, os intelectuais afro-brasileiros e suas produções acabavam ‘esquecidos’, ignorados, tratados como fora do lugar” (SOUZA, 2010, p. 188). É o que ainda hoje se perpetua na crítica literária também ao se considerar a literatura de autoria negra feminina. A escrita de Maria Firmina dos Reis, de Carolina Maria de Jesus, de Conceição Evaristo, Miriam Alves, entre outras, ainda é considerada fora do campo literário, isso quando é considerada.

Ainda nessa discussão sobre autorrepresentação e intelectuais negros, há que se considerar a produção literária das mulheres negras brasileiras. Mirian Cristina dos Santos, em *Intelectuais Negras: prosa negro-brasileira* (2018), afirma que as escritoras negras

trazem para o espaço literário as principais questões que assolam a mulher negra na contemporaneidade, dão visibilidade às culturas africanas e afro-brasileira, denunciam a condição marginalizada e subalternizada do negro e fazem da

literatura negro-brasileira escrita por mulheres local de força, resistência, afirmação e denúncia (SANTOS, 2018, p. 15).

Em relação a produção literária de autoria feminina negra, é importante destacar o surgimento dos *Cadernos Negros*, em 1978. Em função do aparecimento dessa coletânea, a população negra brasileira passou a ter um lugar de referência para a publicação, não se vendo tão isolada em suas produções. Especificamente para as mulheres negras, esse espaço é ainda mais significativo, uma vez que nas primeiras publicações dos *Cadernos*, elas eram muito poucas naquele universo. Hoje, com mais de quarenta anos de publicação ininterrupta, o cenário é um pouco diferente, e a coletânea já simboliza consciência política, autorreconhecimento e visibilidade.

No entanto, ainda hoje não é possível catalogar a produção literária de autoria negra feminina, em virtude de um mercado editorial excludente. A coletânea *Cadernos Negros* é apenas uma compilação dentro de um grande universo, pois existem mulheres negras produzindo de forma isolada, por meio de pequenas editoras, produções independentes ou arranjos coletivos. Isso acarreta uma invisibilidade dessas literatas, exemplo disso é a situação da escritora Maria Firmina dos Reis, primeira romancista brasileira, que até o momento sua literatura pouco circula no território nacional.

2- CAPÍTULO: REPRESENTAÇÕES DE CORPOS NEGROS NO CONTO “A ESCRAVA”, DE MARIA FIRMINA DOS REIS

2.1 MARIA FIRMINA DOS REIS – UMA ESCRITORA INSURGENTE

*Os crus dissabores que eu soffro são tantos,
São tantos os prantos, que vivo a chorar,
É tanta a agonia, tão lenta e sentida,
Que rouba-me a vida, sem nunca acabar.*

(Maria Firmina dos Reis)

No dia onze de março de 1822 nascia Maria Firmina dos Reis, uma mulher negra, natural de São Luís do Maranhão, sua existência se deu em um ambiente, cujo cenário era de discriminação, tanto racial como social. Ainda muito pequena ficou órfã e foi morar com sua tia materna Henriqueta Romana dos Reis no ano de 1830, lugar onde foi primordial para sua construção intelectual.

Órfã e negra em uma sociedade conservadora, moralista, machista, misógina, patriarcal, não se enxergava grandes perspectivas de futuro, no entanto, sua tia já tinha um “nome” naquele vilarejo, o que, de certa forma, abriu portas para que a futura escritora pudesse ter contato com parentes que eram ligados ao meio cultural e, também contato com referências culturais, como foi o caso de Sotero dos Reis, ele era um famoso gramático da época. Dessa forma, surgiu em Maria Firmina o gosto pelas letras e foi uma autodidata, iniciando assim sua história com as letras.

Firmina se formou e passou a ocupar um espaço antes não ocupado por mulheres, ela foi a primeira mulher a passar em um concurso público para professor no Maranhão, com o seu salário de professora, ela se sustentava sozinha, em uma época que era malvista pela sociedade, já que era incomum para uma mulher assumir tal posição nas esferas sociais. O relato abaixo diz respeito a nomeação de Maria Firmina no ano de 1847, conforme mencionou Adler (2017).

Nomeação para professora de primeiras letras do sexo feminino da Villa de Guimarães Maria Firmina dos Reis. O Doutor Joaquim Franco de Sá, Oficial da Imperial Ordem da Rosa, Cavalheiro de Christo, juiz de Direito da Câmara de Alcântara, deputado à Assembleia Geral Legislativa, e Presidente da Província do Maranhão por sua Majestade o Imperador a Quem Deus Guarde. Faço saber aos que este Alvará virem, que atendendo a que Maria Firmina dos Reis opositora à cadeira de primeiras letras do sexo feminino da Villa de Guimarães, se acha competentementehabilitada na forma da Lei de quinze de outubro de mil oitocentos e vinte e sete, tem por bem, em conformidade das leis em vigor provê-la na serventia vitalícia da mencionada cadeira, que se acha vaga, havendo o ordenado anual de “São” Luiz do Maranhão em dezesseis de agosto de mil oitocentos e quarenta e sete, vigésimo sextoda Independência e do Império (ADLER, 2017, p. 86).

O fragmento acima é um registo de uma publicação de nomeação como as que hoje conhecemos do Diário Oficial. Maria Firmina saiu nas primeiras páginas, sendo convocada a assumir o posto de professora, um marco significativo se analisarmos o ano e o contexto em que a autora conseguiu tamanha conquista.

Maria Firmina se tornou poetisa, romancista, contista, cronista, compositora, jornalista, folclorista e autora de charadas. Hoje, sabemos que junto a Luiz Gama, firmou um panorama da literatura brasileira, tendo papel de fundadora da literatura afro-brasileira, visto que na época a sociedade não tinha dimensão da grandeza, considerando apenas que a escrita de Maria Firmina, ia na contramão da opinião da sociedade. A escritora e professora escrevia sobre os males das sociedades escravistas, a partir do ponto de vista do escravizado. Morais Filho (1975) trouxe dados relevantes sobre a sua entrada oficial na Literatura:

Sua entrada oficial na Literatura foi recepcionada pela Imprensa Maranhense, porta voz dos luminares da intelectualidade de nossa terra com palavras de entusiasmo e estímulo à estreante, que, rompendo a cadeia dos preconceitos sociais que segregava a mulher da vida intelectual, vinha contribuir com suas forças, seus sonhos e ideais para a criação da Literatura Maranhense, para a presença maranhense na formação da Literatura Brasileira – ainda em nossos dias o embrião de uma vida em laboriosa gestação (MORAIS FILHO, 1975, s/p).

De acordo com as considerações de Moraes Filho, a imprensa maranhense foi o pilar principal para que Maria Firmina pudesse expor suas contribuições, em que dela saía palavras de estímulo que rompia com o preconceito e que agregava valores à vida de outras mulheres, contribuindo para a realização de sonhos e ideais, e conseqüentemente, contribuindo para a produção de uma literatura de autoria feminina.

Após aposentada, preocupada com pessoas que estavam em situação semelhante à dela, principalmente meninas, oito anos antes da Lei Áurea, ela fundou a primeira escola mista e gratuita do país, que ficava no Maranhão, causando mal-estar para a sociedade da época, assim, dois anos e meio depois foi obrigada a suspender as atividades. Contudo, a escritora continuou atuante no seu propósito de transformar a sociedade. Como pesquisadora e professora de prestígio, era ativa na imprensa local. A escritora observava a sociedade em que vivia, gerando nela inquietações, com isso, a fim de possibilitar uma leitura crítica do cenário da época, ela trazia em seus textos fictícios “reflexões” sobre seus questionamentos à sociedade patriarcal e escravocrata do século XIX.

Em relação a sua produção literária, Maria Firmina foi a primeira mulher negra em toda a América Latina a publicar um romance abolicionista de autoria feminina, na língua portuguesa, *Úrsula*¹, em 1859. Nessa narrativa, há reflexões sobre a escravidão, por meio do ponto de vista do sujeito negro. A autora trouxe a público também duas outras narrativas de ficção, o conto “Gupeva”, de 1861, com temática indianista, que teve várias edições no decorrer da década de 1860. E o conto “A Escrava”, de 1887, *corpus* desta monografia, com temática abolicionista, ainda em um Brasil escravocrata. Firmina ainda publicou as coletâneas de poemas *Parnaso maranhense - coletânea de poemas junto com outros autores* (1861) e *Cantos à beira-mar* (1871), e o *Hino da libertação dos escravos* (1888).

2.2 EU MESMA. AINDA POSSO FALAR

¹ Maria Firmina publicou *Úrsula*, no ano de 1859, um romance que ficou silenciado durante muitos anos, expressando a face machista e racista da história da literatura brasileira. No ano de 1861, a autora escreveu o conto *Gupeva*, só que em uma temática indianista, demonstrando a consciência crítica que Maria Firmina tinha sobre as vozes subalternizadas pelo patriarcalismo. No ano de 1887, publicou na *Revista Maranhense* o conto *A Escrava*, uma narrativa que traz como pano de fundo questões abolicionistas.

O conto “A Escrava”², de Maria Firmina, é uma narrativa relativamente curta com aproximadamente vinte páginas. O local em que a narrativa se desenrola é em um salão com pessoas debatendo sobre diversos assuntos. Em determinado momento surge um debate sobre mão-de-obra servil, entrando em cena a personagem narradora, que traz para o enredo a trágica história de Joana, uma escravizada em fuga.

Aos cinco anos de idade, os pais de Joana acreditaram que sua filha estava livre da escravidão. Anos e anos de violência se passaram e as marcas daquele tempo hostil permaneceram em Joana, que a princípio enlouqueceu, sobretudo, por se ver separada de seus dois filhos gêmeos de apenas oito anos. Carlos e Urbano, filhos de Joana, foram vendidos no tráfico interprovincial e levados ao Rio de Janeiro. Triste, revoltada com aquela situação, constantemente fugia em busca de uma liberdade.

Na sua última fuga, uma senhora branca a ajuda escondendo-a do feitor, até o momento em que Gabriel, seu outro filho, chega, pois também estava a sua procura. A tal senhora ofereceu-lhes proteção e cuidados, levando-os para a sua casa e no caminho ao perguntar ao Gabriel sobre a história de vida de sua mãe, Joana os interrompe e, apesar de fraca, debilitada e à beirada morte, insiste que ela mesma contaria sua história: “Não. Eu mesma. Ainda posso falar. E começou” (REIS, 2018, p. 177). Esse aspecto nos faz lembrar das discussões contemporâneas sobre lugar de fala. De acordo com a filósofa Djamila Ribeiro, todos falamos a partir de um lugar social: —“Pensar lugar de fala seria romper com o silêncio instituído para quem foi subalternizado, um movimento no sentido de romper com a hierarquia” (RIBEIRO, 2017, p. 90). Dessa forma, entendemos que Joana, assim como outros personagens da obra de Maria Firmina dos Reis, são porta-vozes de suas próprias narrativas, de forma que suas vozes não são intermediadas por outras pessoas: “deixa-me morrer amaldiçoando os meus carrascos” (REIS, 2018, p. 179).

Joana passa a narrar em primeira pessoa as trágicas lembranças de sua vida, a partir da experiência da escravidão, detalhando inúmeras violências sofridas durante toda a sua trajetória. Assim, Joana se torna a protagonista da história que era narrada pela protagonista anônima: “uma senhora”. Joana prossegue dizendo: “Minha mãe era africana, meu pai de raça índia, mas eu de cor fusca. Era livre, minha mãe era escrava” (REIS, 2018, p. 177). Ainda, é importante

² Embora o título do conto seja “A Escrava”, em nossas análises usaremos as palavras “escravizada”, “escravizado” ou “escravizados” ou outras do mesmo campo semântico, uma vez que hoje há um consenso de que as pessoas negras não eram escravas, e sim foram escravizadas. Assim, essas nomenclaturas chamam a atenção para a participação e responsabilidade de pessoas brancas no processo escravagista.

considerar que o título do conto “A Escrava” já indica a figura da personagem Joana como central para a construção da narrativa.

Descrevendo com riqueza de detalhes tudo que lhe acontecera durante sua vida, Joana era filha de um homem indígena e de uma mulher negra escravizada. Com muito esforço seu pai comprou a sua liberdade, porém, após a morte dele, Joana é outra vez escravizada e sua mãe percebe que foi refém do analfabetismo, sendo enganados pelas palavras de Tavares, personagem escravagista. A carta de alforria de Joana na verdade não passava de um papel sem valor legal, e isso explica o desapontamento da personagem e seus transtornos psicológicos. Seus filhos nunca mais voltaram após serem vendidos, e ao terminar de relatar sua vida, Joana morre, situação similar a de sua mãe, que morre ao descobrir que a filha também seria escravizada: “Minha pobre mãe deu um grito, e caiu estrebuchando” (REIS, 2018, p. 177). No final do conto, a personagem-narradora compra a liberdade de Gabriel e o conto termina com a cena de Tavares, terrivelmente furioso por saber que não poderia mais levar Gabriel cativo. Torna-se pertinente considerar que mesmo a mulher branca abolicionista assegurando a liberdade de Gabriel e uma morte “digna” para Joanna, ela não é nomeada, o que nos possibilita retomar a ideia do protagonismo negro no conto.

2.3 *NÃO TENHO PENA DE MORRER, TENHO PENA DE DEIXAR MEUS FILHOS*

Em sua escrita, Maria Firmina concebe a imagem do escravizado em outra visão e com outra mentalidade, em que ele possui sua individualidade, visto que seus personagens negros são postos em posição de igualdade humana e intelectual semelhante aos outros personagens. Sua escrita reverberou além do seu tempo, com uma literatura de cunho político, Firmina possuía uma postura abolicionista e defendia o escravizado, o vozeava no sentido mais complexo da palavra.

Ao adentrarmos no conto, a narradora que toma a discursão na sala é uma mulher branca, mas não como a maioria das pessoas daquele período histórico, é uma mulher com ideais abolicionistas, que deseja falar das mazelas da escravidão com um olhar de quem entendeu que de fato é a escravidão:

Por qualquer modo que encaremos a escravidão, ela é e sempre será um grande mal. Dela a decadência do comércio; porque o comércio, e a lavoura caminham de mãos dadas, e o escravo não pode fazer florescer a lavoura; porque o seu trabalho é forçado. Ele não tem futuro; o seu trabalho não é indenizado; ainda dela nos vem o opróbrio, a

vergonha; porque de frente ativa e desassombrada não podemos encarar as nações livres; por isso que o estigma da escravidão, pelo cruzamento das raças, estampa-se na frente de todos nós. Embalde procurará um dentre nós, convencer ao estrangeiro que em suas veias não gira uma só gota de sangue escravo... (REIS, 2018, p. 169).

Ao analisarmos essa fala, deparámo-nos com a seguinte afirmação: “por qualquer modo que encaremos a escravidão, ela é e sempre será um grande mal”. O que está sendo exposto aqui pela narradora é que somente uma pessoa livre é capaz de oferecer o seu melhor trabalho, a sua melhor produção, e fora disso, ela oferecerá o seu mínimo, já que é constantemente ameaçada, insegurança que reverbera também nas relações afetivas.

Todavia, a narradora chama a atenção, também, para a vergonha que permeava sobre a problematização da escravização, quando se compara com outras sociedades em que o ser humano era livre. Assim, é possível perceber uma apropriação de Firmina ao utilizar a fala da narradora sobre o quanto a escravidão regredia nos avanços do país, permanecendo tão distante de outros.

A propósito da violência do processo de escravidão, Conceição Evaristo (2009) menciona a problematização da violência no corpo negro, afirmando que:

Tendo sido o corpo negro, durante séculos, violado em sua integridade física, interdito em seu espaço individual e coletivo pelo sistema escravocrata do passado e, ainda hoje, pelos modos de relações raciais que vigoram em nossa sociedade, coube aos brasileiros, descendentes de africanos, inventarem formas de resistência que marcaram profundamente a nação brasileira (EVARISTO, 2009, p. 18).

A problemática percebida por Evaristo é a mesma evidenciada no conto “A escrava”, Joana, Gabriel, Carlos, Urbano e tantos outros simbolizam o corpo negro, que de acordo com a fala da autora, foi durante muitos séculos violentado em todos os aspectos, precisando inventar formas de resistir a todas as opressões e silenciamentos, muitos encontravam na fuga uma forma de resistência, como a personagem Joana fez inúmeras vezes.

Com todos os problemas que cercava a questão dos escravizados, no tocante às violências, às humilhações, ao trabalho hostil, às fugas e tudo que envolve a causa, uma outra reflexão possível está relacionada aos laços afetivos, haja visto que os sentimentos dos escravizados não eram considerados, chegando até mesmo ao ponto de questionarem se teriam eles sentimentos ou se seriam eles apenas “animais”, “máquina de trabalho”.

Joana está escravizada, mas também é mãe. E a concepção que se tinha, de que ao escravizado competia-lhe apenas trabalho é totalmente violento. Na narrativa, a personagem Joana além de ser mãe também demonstra sentimentos.

Observa-se que a personagem, devido a inúmeros acontecimentos trágicos, enlouquece, e o fator predominante da perda de razão se dá no exato momento em que seus dois filhos foram vendidos.

– Ah! Se pudesse, nesta hora extrema ver meus pobres filhos, Carlos e Urbano!... Nunca mais os verei! Tinham oito anos. Um homem apeou-se à porta do Engenho, onde juntos trabalhavam meus pobres filhos – era um traficante de carne humana. Ente abjeto, e sem coração! Homem a quem as lágrimas de uma mãe não podem comover, nem comovem os soluços do inocente (REIS, 2018, p. 178).

A impotência diante da situação fez com que Joana dia após dia mergulhasse cada vez mais fundo no devaneio da loucura. É preciso entender que a distinção feita preconceituosamente pelo homem branco era por meio da cor de pele, mas que assim como o branco, o negro dispunha de sentimentos que por vez não era respeitado.

[...] quando o negro passou a perder sua própria referência de pertencimento à espécie humana, ocorreu uma espécie de aniquilação de sua identidade no processo colonial. Em meio ao contexto de vitórias do branco que o dominava e de derrotas a que seu povo estava inserido, encontramos o negro involuntariamente desumanizado, [...] quando a protagonista é duplamente roubada. Num primeiro momento, sua liberdade, comprada por longos anos de trabalho do pai, havia sido subtraída pelo desleal senhor Tavares, enganando a todos com uma falsa carta de alforria. A menina que cresceu sonhando ser livre, passou a ser mantida cativa. Assim, a personagem sofre o primeiro processo de alienação. Esse primeiro estágio é, por si só, suficiente para transtornar o sujeito colonizado em irreversíveis traumas, tanto do negro para com o branco, quanto do negro para si próprio. Isso marca, portanto, a inauguração da degeneração do indivíduo colonizado. Num segundo momento, a Joana adulta e agora totalmente inserida no regime de escravidão foi novamente roubada. Dessa vez, ela perde seus filhos. A escrava, estática na sua condição de objeto, presenciou a separação involuntária de seus dois filhos, pois quando estes tinham apenas oito anos, foram vendidos como escravos. Tal brutalidade contra um ser humano não poderia resultar em uma reação menos grave (PEREIRA, 2017, p. 1141).

O que Pereira (2017) expôs trata justamente da concepção errônea de que o negro não tem sentimentos, de que ele não ama e nem sabe amar, o que o autor chama de perda da própria referência de pertencimento à espécie humana, de desumanização. E se ele já “não mais é humano”, é objetificado, logo não possui laços afetivos. Joana enlouquece por dois motivos: a privação de sua liberdade e o sequestro de seus filhos, o que rompe completamente com a ideia de que o negro perdeu o seu pertencimento à espécie humana.

Em um primeiro momento, ela que “era livre”, agora não é mais, em segundo momento, ela que tinha dois filhos gêmeos, agora não tem mais. Ela é mãe, ela é humana, ela enlouquece justamente por possuir sentimentos, por amar seus filhos, sua liberdade e sem ter de volta aquilo que ela tanto amava.

O amor é definido através da união de sentimentos, do estar e crescer com o outro a fim de permitir a expansão de sentimentos. Buscando historicamente as relações de poder e abuso sofridos pelo povo negro, servidão laboral e sexual, percebe-se a que a dor histórica sobrepõe-se sobre a expressão do amor. O ideário de inferioridade ainda se faz presente socialmente, quando carregamos e reproduzimos estereótipos para que haja “aceitação” do sujeito negro por parte do sujeito dominante (MARINHO, 2020, p. 70).

Considerando que Ana Verônica Marinho (2020) trata da questão do amor como a junção de sentimentos, e apesar de todos os abusos sofridos pelos negros e que o sentimento mais evidente fosse a dor, o amor também permanecia em Joana, junto com a esperança do reencontro com seus filhos, conforme o fragmento abaixo:

Olhou em tomo de si, como que espantada do que via, e tomou a fechar os olhos. Minha mãe!... minha mãe, de novo exclamou o filho. Ao som daquela voz chorosa, e tão grata, ela ergueu a cabeça, distendeu os braços, e, com voz débil, murmurou: – Carlos!... Urbano... (REIS, 2018, p. 175).

Mesmo com o coração esvaçado, Joana desejava reencontrar seus filhos, desejava desfrutar de sua liberdade. A escravizada ansiava pelo reencontro por um único motivo “amor”. A escravizada amava seus filhos, sua liberdade já experienciada. E nesse ponto, percebemos que por mais dor, sofrimento e desilusão que as circunstâncias pudessem oferecer, por mais feridos, ainda assim existia lugar para o amor.

Nós negros temos sido profundamente feridos, como a gente diz, “feridos até o coração”, e essa ferida emocional que carregamos afeta nossa capacidade de sentir e conseqüentemente, de amar. Porque enfim, quando lemos no romance autobiográfico *Jesuís Martiniquaise* — “Gostaria de ter me casado, mas com um branco. Só que uma mulher de cor nunca é realmente respeitável aos olhos de um branco. Mesmo se ele a ama. Eu sabia disso” — temos o direito de ficar preocupados (MARINHO, 2020, *apud* FANON, 2008, p. 53).

“Feridos até o coração” é a expressão utilizada para novamente confirmar os sentimentos que há no negro. Joana conhecia de perto essas feridas, sabia quão distante era os extremos sobre a existência do branco e do negro, o branco mandava, o negro obedecia, mas quem manda nos sentimentos? Podia exclamar Joana, que amou incessantemente seus filhos, mesmo não os vendo nunca mais. A questão do amor é outra vez confirmada quando no início do conto, seu pai por amor trabalha e compra a sua liberdade, mesmo não tendo a usufruído, a intenção de seu pai era de deixar sua filha livre, por amor a ela.

A questão do amor, dos laços afetivos é subjetiva e complexa, pois vemos em Joana dois extremos, o desejo pela liberdade e o desejo por viver a maternidade, e como já dito

anteriormente, ambos tirados dela. Em outro momento da história, como é comum a tantos enredos, o negro perde sua identidade, sua humanização e continua à mercê do escravocrata. Joana por vez não soube lidar com suas emoções, tornou-se louca, o que para “seu senhor” não passava de uma “preguiçosa” e “douda fingida” para não exercer os inúmeros serviços: “Esta negra era alguma coisa monomaníaca, de tudo tinha medo, andava sempre foragida, nisto consumiu a existência. Morreu, não lamento esta perda; já para nada prestava” (REIS, 2018, p. 181).

Todavia, tal excesso de loucura esclarece de uma vez por toda a condição de humanização da personagem, de que nela havia sentimentos, muito embora a situação em nada a favorecia. O conto “A escrava” representa de forma objetiva as questões afetivas, pois aqui vemos uma escravizada que é mãe, que é humana e que lamenta profundamente não só a sua condição, mas a de todos que como ela vivenciou esse martílio.

bell hooks³ (2006) trouxe reflexões sobre o ato de amar para a população negra, afirmando que esse ato teve início no contexto escravocrata. Tal discussão pode ser evidenciada no enredo de Maria Firmina dos Reis. Joana teve a liberdade roubada, filhos vendidos, e ainda assim, sendo testemunha de tanta crueldade, em seu coração dispunha de amor e esperança para recomeçar uma vida nova, coisa que nunca aconteceu. Porém, a autora abre parênteses ao afirmar que muitos escravizados desconheciam o amor, principalmente na sua plenitude, por terem vivido em um contexto de extrema violência.

O ato de amar começou a partir do contexto escravocrata. Isso não deveria nos surpreender, já que nossos ancestrais testemunharam seus filhos sendo vendidos; seus amantes, companheiros, amigos apanhando sem razão. Pessoas que viveram em extrema pobreza e foram obrigadas a se separar de suas famílias e comunidades, não poderiam ter saído desse contexto entendendo essa coisa que a gente chama de amor. Elas sabiam, por experiência própria, que na condição de escravas seria difícil experimentar ou manter uma relação de amor. Imagino que, após o término da escravidão, muitos negros estivessem ansiosos para experimentar relações de intimidade, compromisso e paixão, fora dos limites antes estabelecidos. Mas é também possível que muitos estivessem despreparados para praticar a arte de amar. (hooks, 2006, s/p).

Conforme a autora, os escravizados eram testemunhas vivas de seus afetos sendo vendidos, seus amigos, familiares e conhecidos por nenhum motivo aparente, se não, por pura maldade (Joana testemunhou Carlos e Urbano sendo vendidos). A bell hooks enfatizava que

³ bell hooks (grafado em letras minúsculas, opção da autora) é o pseudônimo de Glória Jean Watkins. Adotou esse pseudônimo em homenagem à avó materna, como um ato político, uma vez que esse nome garantiria um direito de expressão autônomo, que o nome Glória Watkins não permitiria (Cf. SANTOS, 2018).

pessoas que testemunharam tamanho sofrimento dificilmente sairiam dessa condição amando, todavia, nas entrelinhas, o amor é provado, mas com uma carga grande de insegurança pela ameaça da perda.

Ainda importa saber que no período escravocrata existia amor entre a população negra, representado pela família de Joana. Também é relevante considerar a construção da humanização do corpo negro feminino por meio da fertilidade. Conforme apontado por Conceição Evaristo, na literatura canônica mata-se a descendência negra, de forma que os corpos negros não engravidam. Nesse processo, o conto “A Escrava” apresenta-se como contra narrativa, trazendo leituras mais humanas do corpo negro: corpos que engravidam e amam sua prole, filhos que amam seus genitores, apesar da violência escancarada. Dessa forma, Maria Firmina desconstrói paradigmas de que a mulher negra não pode e não sabe amar, de que era só um corpo em desuso, denunciando nas entrelinhas violências sistêmicas.

2.4 MINHA SENHORA, EU SÓ LEVARIA MINHA MÃE AO FIM DO MUNDO

Ainda pouco se fala sobre a condição do homem negro. A ele, atribui a cor de pele, o serviço braçal, a ‘animalização’, a perda de identidade e a desumanização, seus sentimentos não são valorizados, nem mesmo isso é posto em pauta.

Por muito tempo o escravizado era tido como um animal, como é o caso do personagem Fabiano de *Vidas secas* de Graciliano Ramos, o personagem Fabiano vivia um dilema, era um homem ou um bicho? “– você é um bicho, Fabiano. – Um bicho, Fabiano” (RAMOS, 2005, p. 08), e assim a animalização e a sua desvalorização enquanto ser humano é cada vez mais retratada na literatura.

Especificamente sobre corpos negros, na concepção de Fanon (2008, p. 26), “o negro não é um homem”. Se essa afirmação é tida como verdadeira, então Gabriel era negro, se ele não era um homem, era o que? Todavia, o que Fanon problematiza é a concepção do homem como um ser universal, o homem branco, pois é ele quem é tido como referência humana, e o negro cada vez mais distante dessa universalidade.

Conforme discussões de Fanon, o homem negro até busca por um padrão que foge a sua realidade, e quase sempre é frustrado nele, pois o poder e a visibilidade são fornecidos ao homem branco, ele “pode” expressar seus sentimentos, pode estar em um lugar privilegiado que o negro é impedido de usufruir, devido ao racismo existente e a tantas imposições sociais culturais, o que restringe a condição humana do sujeito negro em todos os aspectos, causando dor e sofrimento.

Pois, ao ter o exercício de sua masculinidade reprimido (recalcado) de reconhecimento pleno, dentro desse padrão hegemônico patriarcal branco, ele a verteu para um lugar inadequado de realização, transformando a não aceitação plena em dore sofrimento, e vertendo para fora essa dor em códigos performativos fora-de-si, ou seja, do que desejaria ser e não mimetizar (CUSTÓDIO, 2019, p. 133).

Ser negro nesse aspecto é ter que lidar com a ausência de tudo que o homem branco desfrutava. No caso do personagem Gabriel, ele não tinha a liberdade que seus senhores tinham, antes era desonrado em tudo e isso é justificado na cor de sua pele. Em torno de seu corpo perpassava uma atmosfera de dúvidas e incertezas: “O negro escravizado deveria restringir-se ao trabalho manual” (SOUZA, 2010, p. 185). O negro, o escravizado, na concepção errônea que se tinha, deveria viver aos afazeres, submetido a um julgo de servidão e espancamento.

O homem, sobretudo, o negro, se encontra em um cenário de total subalternidade, a começar pela questão sexual, pela violência física e psicológica. Na visão do outro, sua completude se dá em torno de seu corpo enegrecido, conforme percebeu Pinho (2004).

Antes de tudo, o homem negro é representado como um corpo negro, o seu próprio corpo. Paradoxalmente, esse corpo é configurado de forma alienada, como se fosse separado da autoconsciência do negro. O corpo negro é outro corpo, lógica e historicamente deslocado de seu centro. Como suporte ativo para a identidade, é o lugar de uma batalha pela reapropriação de si do negro como uma reinvenção do self negro e de seu lugar na história. Uma reapropriação do corpo como plataforma ou base política revolucionária. Ora, essa base é contraditória porque tem sido definida pelas discursividades racializantes ou puramente racistas que justamente aprisionam o negro na “geografia da pele e da cor”. Ser negro é ser o corpo negro, que emergiu simbolicamente na história como o corpo para o outro, o branco dominante. Assim, o corpo negro masculino é fundamentalmente corpo-para-o-trabalho e corpo sexuado. Está, desse modo, decomposto ou fragmentado em partes: a pele; as marcas corporais da raça (cabelo, feições, odores); os músculos ou força física; o sexo, genitizado dimorficamente como o pênis, símbolo falocrático do plus de sensualidade que o negro representaria e que, ironicamente, significa sua recondução ao reino dos fetiches animados pelo olhar branco (PINHO, 2004, p. 67).

O que o autor evidencia é a questão do corpo negro separado da autoconsciência, a ideia de que esse corpo só serve para um árduo trabalho e para ser sexualizado, sujeito a todo o tipo de violência e de racismo, que esse corpo é criado para servir o outro, no caso o homem branco, dificultando as relações humanas, tanto familiar e amorosas. Em “A Escrava”, Gabriel representa esse corpo, ele foi criado para ser deslocado de sua autoconsciência, quando o senhor do engenho fazia dele uma máquina de trabalho braçal, castigando-o com acoites, conforme o fragmento:

– Ah! Minha senhora, exclamou erguendo os olhos aos céus, eu procuro minha mãe, que correu nesta direção, fugindo ao cruel feitor, que a perseguia. Eu também agora sou um fugido: porque há uma hora deixei o serviço para procurar minha pobre mãe,

que além de douda está quase a morrer. Não sei se ele a encontrou; e o que será dela. Ah! Minha mãe! É preciso que eu corra, a ver se acho antes que o feitor a encontre. Aquele homem é um tigre, minha senhora, –uma fera. Ouvia-o, sem o interromper, tanto interesse me inspirava o mísero escravo. – Amanhã, continuou ele, hei de ser castigado; porque saí do serviço, antes das seis horas, hei de ter trezentos açoites; mas minha mãe morrerá se ele a encontrar. Estava no serviço, coitada! Minha mãe caiu, desfalecida; o feitor lhe impôs que trabalhasse, dando-lhe açoites; ela deitou a correr gritando. Ele correu atrás. Eu corri também, corri até aqui porque foi esta a direção que tomaram. Mas, onde está ela, onde estará ele? (REIS, 2018, p. 173).

Gabriel fugia a procura de sua mãe, que fugia de um feitor cruel que a perseguia. Seu corpo que antes servia ao branco como máquina de trabalho, agora carrega evidências de um ser humano compassivo e amoroso, que não levou em conta os trezentos açoites que levaria em seu próprio corpo, antes preocupou-se em salvar sua mãe.

Nisso desconstruímos a noção limitante de um homem unicamente como ser viril e forte, como um ser capaz de viver de forma subjetiva a sua realidade. Gabriel poderia muito bem não se preocupar com sua mãe, já que os sentimentos masculinos, sobretudo, do homem negro quase nunca são postos em pauta. No entanto, na representação, apesar de todos os estereótipos sobre o homem negro e sobretudo os que a sociedade o impõe, o que vemos nas entrelinhas são os sentimentos à flor da pele em Gabriel, filho de Joana: “Minha senhora, eu só levaria minha mãe ao fim do mundo” (REIS, 174, p. 174).

Na sociedade muito se é questionado sobre o homem, que ele não pode chorar, que chorar é coisa de “mulherzinha”, que “homem não chora”. Se esses estereótipos são elaborados pensando em um homem branco, então, imagine o homem negro, que até a sua autoconsciência lhe é tirada, inclusive sobre a masculinidade. Contudo, o personagem Gabriel reage ao oposto do que é esperado, sobretudo a um escravizado:

– Gabriel, tornou ela, com voz estridente. [...] – De quem fala ela? Interroguei Gabriel, que limpava as lágrimas na coberta da cama de sua mãe. [...] – Só lhe resto eu, continuou soluçando – só eu... só eu!... (REIS, 2018, p. 175).

“Voz estridente, limpava as lágrimas, continuou soluçando” são características descritas no conto sobre o estado em que se encontrava Gabriel. Se fosse atribuída a um homem branco talvez não causasse estranheza, mas o personagem vem rompendo com os padrões e mostrando uma outra faceta, a do negro que chora, que tem sentimentos, que chora por sua mãe que sofre, sente dor, medo.

Estudar masculinidades negras a partir da multiposicionalidade é perguntar como devemos discuti-la a partir de um olhar relacional, e não posicional e hierárquico fixo.

Isso nos leva a fazer dois conjuntos de perguntas: 1) Que privilégios estas masculinidades racializadas compartilham? Em que condições reais estas masculinidades racializadas lutam por estes privilégios? 2) Dividendos patriarcais são recebidos 'do mesmo modo' por todos os sujeitos que vivenciam masculinidades? Os estereótipos sexuais sobre homens negros são resultados do sexismo e não apenas do racismo, mesmo que o privilégio patriarcal posicione tais masculinidades como configurações vantajosas (CONRADO, 2017, p. 82).

Não é uma tarefa fácil de romper com estereótipos que brutalizam o homem negro, que o animaliza, que o distancia de um ser compassivo, sensível, pois o discurso reproduzido é de que o negro é agressivo, truculento, nada intelectual, que não precisa trabalhar com a mente, mas sim com os braços, que dispensa demonstrar sentimentos. Nessa discussão, torna-se importante destacar também que Joana, mãe de Gabriel, foi alfabetizada por um homem negro.

Maria Firmina em sua literatura não inferiorizava o negro por ser negro. Enquanto a sociedade lá fora entendia o negro escravizado apenas como um animal, como um ser desumanizado e sem sentimentos, Firmina o concebe respeitando seus ideais, afirmando que de fato ele é um ser humano, que dispõe de sentimentos como qualquer outro, como é o caso de Gabriel, que rompe com todos os padrões impostos pela sociedade preconceituosa daquele período, ao demonstrar preocupação, cuidado e amor com sua mãe.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Sabemos que, ainda hoje, quando se fala de autorrepresentação e intelectuais negros, só se ganha destaque quando se torna objeto de estudo, por isso esse sistema autocrático e preconceituoso que ainda induz a crítica do presente, que determina o espaço que o negro pode estar, a que e de quem ele pode falar, necessita ser mudado. Logo, ressaltamos a importância de ler e pesquisar textos de autoria negra.

Nesse contexto, a proposta de refletir sobre a representação de corpos negros no conto “A escrava”, de Maria Firmina dos Reis, nos possibilitou repensar, paralelamente, a leitura de corpos negros na sociedade, de forma a considerar o quanto a narrativa de Firmina, embora escrita em 1887, tem muito a nos ensinar. No conto, a autora concebe Joana a partir do pressuposto da liberdade ao narrar suas memórias. A violência, a desumanização são características peculiares em sua escrita, caracterizando a escrita afro-brasileira distinta do conjunto das letras nacionais. Sabendo o tamanho da complexidade que era para uma mulher expressar sua opinião em oposição à escravidão, ainda mais sendo mulher negra. Contudo, Maria Firmina tinha uma maneira humanizada de olhar, escrevendo em suas entrelinhas críticas à sociedade patriarcal colonialista, mostrando dessa forma verdades que não poderiam ser mencionadas.

Observamos que, ao adentrarmos no conto, Maria Firmina nos apresenta seus personagens negros em posição de igualdade humana e intelectual como a de outros personagens, ao apresentar Joana, por exemplo, mulher, negra, mãe, escravizada, porta-voz da sua narrativa. A construção da personagem é carregada de sensibilidade, demonstra sentimentos, principalmente quando é privada da sua liberdade e ao perder seus filhos. O enredo de Joana vai na contramão do que lhe é imposto como escravizada, que é a perda de identidade, humanização, ou seja, continuar à mercê da objetificação do sistema escravocrata.

Outro ponto a ser observado, no conto, é a maneira como é apresentado o enredo de Gabriel. Sabemos que há uma expectativa padronizada, de cunho machista, do comportamento ideal dos homens, isso pesa ainda mais quando se trata do homem negro, que por sua cor de pele, em um julgamento racista, a sociedade lhe tira sua autoconsciência. Apesar disso, o personagem Gabriel reage ao contrário do que é esperado, sobretudo a um escravizado. Ele chora, é sensível, é preocupado com a mãe, “tem fisionomia franca e agradável”.

Maria Firmina foi irrefutável ao denunciar a condição crítica e, também o cenário de desigualdade que os escravizados viviam, trazendo para a literatura a representação de corpos

negros – o que perpassa também a leitura de autorrepresentação, já que a escritora como mulher negra também compartilha experiências desse corpo – de forma positiva, diferentemente da literatura canônica e da realidade social.

REFERÊNCIAS

ADLER, Dilercy Aragão. *Elogio à Patrona Maria Firmina dos Reis: ontem, uma maranhense, hoje, uma missão de amor*. São Luís: Academia Ludovicense de Letras, 2014.

CONRADO, RIBEIRO, Mônica, Alan. Homem Negro, Negro homem: masculinidades e feminismo negro em debate. *In: Estudos Feministas*. n. 25, 73-97, 2017.

CUSTODIO, Tulio. Per-vertido Homem Negro: reflexões sobre masculinidades negras a partir de categoria de sujeito. *In: RESTIER e SOUZA (Org.). Diálogos Contemporâneos sobre Homens Negros e Masculinidades*. São Paulo: Ciclo Continuo Editorial, 2019, p. 131-161.

DALCASTAGNÈ, Regina. A autorrepresentação de grupos marginalizados: tensões e estratégias na narrativa contemporânea. *In: Letras de Hoje*. Porto Alegre, v. 42, n. 4, p. 18-31, dezembro 2007, p. 18-31. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/index.php/fale/article/download/4110/3112>

DALCASTAGNÈ, Regina. Entre silêncios e estereótipos: relações raciais na literatura brasileira contemporânea. *Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea*, nº. 31. Brasília, janeiro-junho de 2008, pp. 87-110.

DUARTE, Eduardo de Assis. Literatura afro-brasileira: um conceito em construção. *Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea*, nº. 31. Brasília, janeiro-junho de 2008, p. 11-23. Disponível em: <<http://periodicos.unb.br/index.php/estudos/article/view/2017>>. Acesso em: 19 de março de 2021.

EVARISTO, Conceição. Literatura negra: uma poética de nossa afro-brasilidade. *In: Scripta*, Belo Horizonte, v.13, n.25, dez. 2009, p. 17-31. Disponível em: <<http://periodicos.pucminas.br/index.php/scripta/article/view/4365>>. Acesso em 14 de 10 de janeiro de 2016

FANON, Frantz. *Pele negra, máscaras brancas*. Trad. Renato da Silveira. Salvador: EDUFBA, 2008.

hooks, bell. Vivendo o amor. *In: WERNECK, Jurema; MENDONÇA, Maisa; WHITE, Evelyn C. (Orgs.). O Livro da Saúde das Mulheres negras: nossos passos vêm de longe*. Rio de Janeiro: Pallas/ Criola, 2006.

MARINHO, F. M. S. Ana Verônica. Amor e resistência – Bell Hooks e a escrita do amor. *Anais do Congresso Brasileiro de Corpo, Raça, Sexualidade e Gênero - CRSG* [v.2, n. 1, jan.-abr.2020. disponível em: <http://www.crsq.periodikos.com.br/article/5e920c920e88255d2430ae99/pdf/crsq-2-1-64.pdf>. Acesso em: 25/04/2022.

MORAIS FILHO, José Nascimento. *Maria Firmina dos Reis, fragmentos de uma vida*. São Luís: Governo do Estado do Maranhão, 1975

OLIVEIRA, Adriana Barbosa de. *Gênero e etnicidade no romance Úrsula, de Maria Firmina dos Reis*. Dissertação (Pós-graduação em estudos literários) – Programa de Pós-Graduação em letras: estudos literários, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2007.

PEREIRA, Gomes José. Escravidão e loucura: uma leitura do conto “A escrava”, de Maria Firmina dos Reis. *Estudos linguísticos*. São Paulo, 46 (3): p. 1134-1144, 2017. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.21165/el.v46i3.1695>. Acesso em: 26/04/2022.

PINHO, Osmundo. Qual é a identidade do homem negro? In: *Revista Democracia Viva*, n. 22, p. 64-69, 2004. Disponível em: http://www.academia.edu/1420907/Qual_%C3%A9_a_identidade_do_homem_negro. Acesso em 27/04/2022.

RAMOS, Graciliano. *Vidas Secas*. São Paulo: Editora Record, 2005.

REIS, Maria Firmina. A escrava. In: REIS, Maria Firmina. *Úrsula e outras histórias*. Brasília: Câmara dos Deputados, 2018, p. 167-182.

RIBEIRO, Djamila. *O que é lugar de fala?* Belo Horizonte: Letramento, 2017.

SANTOS, Mirian Cristina dos. *Intelectuais negras: prosa negro-brasileira contemporânea*. Rio de Janeiro: Malê, 2018.

SOUZA, Florentina. Autorrepresentação e intervenção cultural em textualidades afro-brasileiras. In: *Revista da ABPN*, v. 1, n. 2, julho-outubro de 2010, p. 183-194. Disponível em: < <https://abpn1.websiteseguro.com/Revista/index.php/edicoes/article/view/88/66>>. Acesso em 25/04/2022.